

MEMÓRIA E HISTÓRIA DE VIVÊNCIAS DO CATOLICISMO POPULAR NO ALTO SERTÃO BAIANO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Joseni Pereira Meira Reis¹

No Brasil, a introdução da religião católica se inseriu no contexto da colonização, através do sistema de padroado, que sacralizava a união da Igreja Católica com o Estado. Essa união e toda a tradição religiosa de Portugal permitiram à Coroa Portuguesa comprometer-se em manter o Catolicismo como religião oficial e em viabilizar os meios econômicos para que os eclesiásticos realizassem a missão religiosa. E a Igreja, por sua vez, assumia o “compromisso de colaborar no fortalecimento do projeto colonial”. (AZZI, Vol. I, 2001, p.21-22). Vê-se que o catolicismo implantado no Brasil caminhou lado a lado com o projeto da colonização portuguesa e que a religião Católica foi o cimento que possibilitou a efetivação desse projeto. Ainda referindo-se a essa característica, Riolando Azzi fez a seguinte observação: “A colonização significava o transplante para a nova terra dos padrões culturais da civilização lusitana; e como essa civilização tinha conotação especificamente católica, colonizar significava também implantar a fé católica” (2001, p.22).

Nessa perspectiva, ao estudar a sociedade colonial brasileira, Freire ilustra essa situação com o seguinte fragmento de texto de Casa Grande & Senzala: “A religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternização entre as duas culturas, a do senhor e a do escravo; e nunca uma intransponível ou dura barreira” (FREYRE, 2002, p. 410). Aparentemente o catolicismo foi implantando sem muitas resistências, entretanto não se pode olvidar que as minorias – os escravos principalmente - conseguiram burlar as imposições dos seus senhores e praticar seus cultos às escondidas ou mesmo aproveitando as brechas possibilitadas pela religião. É verdade que outros credos religiosos - cristãos ou não - disputaram espaços na sociedade brasileira, contudo não derrubaram a predominância da fé católica.

¹Professora Assistente da UNEB-Campus XII. Mestre em Educação-FAE/UFMG, doutoranda em Educação FAE-UFMG. Vinculada ao grupo de Estudos e Pesquisa NEPE e ao Grupo de Estudos sobre Cultura Escrita da FAE-UFMG.

Este artigo foi publicado na íntegra no livro Diocese de Caetité: *100 anos de fé e missão nas terras sagradas do sertão-Bahia*, organizado por: Zélia Marques, Marinalva Fernandes e Maria de Fátima Pires.

Neste estudo interessa identificar quais eram e como se davam as práticas do catolicismo popular em Caetité, em período anterior à instalação do bispado em 1913. Nesse sentido, a expressão religiosidade popular é abordada a partir das perspectivas de vida do povo. Povo, não no sentido homogeneizador, mas levando em conta as diversidades socioculturais e econômicas presentes na vida dos caetiteenses.

Entende-se religiosidade popular como um conjunto complexo de práticas e rituais presentes em um determinado contexto cultural, econômico e político que reflete o imaginário religioso. A religiosidade do povo ocorre dentro de uma determinada cultura, portanto os vínculos entre religiosidade e cultura são intensos.

Sabe-se das dificuldades e limitações que perpassam pelo trabalho de reconstrução dessas práticas do catolicismo ao se buscar reconstruí-las ou alcançá-las dentro das especificidades que as caracterizaram em Caetité, no início do século XX. Corre-se o risco de omitir algumas práticas, sujeitos que foram relevantes nesse processo e ressaltar aspectos que talvez não tenham sido tão importantes. Relatar todas as práticas do catolicismo seria impossível no espaço deste trabalho, portanto tive que selecionar algumas. No processo de seleção dessas práticas, recorri aos trabalhos de memorialistas locais que deixaram registros das suas vivências no catolicismo, bem como as notas do jornal A Penna, correspondências da família Teixeira, entre outras fontes que nos permitiram recompor aspectos da religiosidade popular em Caetité nos primórdios do século XX.

Antes de analisar as práticas do catolicismo popular, interessa saber: Em que contexto foi criada a paróquia de Caetité? Quais os impasses e dificuldades para o seu estabelecimento? Apresentam-se algumas possibilidades de respostas no decorrer deste artigo.

A Freguesia Sant'Anna de Caetité: um marco anterior a sua elevação à categoria de vila

Sabe-se que a paróquia de Caetité foi erigida em 1754, pelo arcebispo D. José Botelho de Matos (1741-1760), 8º Arcebispo do Brasil, num Alvará Régio que transformou o Arraial de Sant'Anna de Caetité em Freguesia, antes mesmo da sua elevação à condição

de vila². A criação de uma paróquia e a nomeação de um pároco estavam, na maioria das vezes, vinculadas às condições econômicas e sociais que a paróquia exercia na região. Vale lembrar que em 1892, o contingente populacional de Caetité totalizava 24.555 habitantes³, número a ser considerado nas metas de planejamento religioso, como seja a distribuição do clero e atendimento à população. Conforme esclarece Cândido Silva, “a distribuição deste clero no mapa paroquial acompanhava as cotações da força econômica e do prestígio social das freguesias” (SILVA, 2000, p. 65). Nesse contexto, acreditamos que a criação da paróquia de Caetité apresentava essas condições, dada à situação de relativo desenvolvimento econômico da freguesia, o prestígio político de alguns fiéis, as distâncias espaciais e a própria escassez de paróquias no Sertão.

Sobre a delimitação da área de atuação do pároco, bem como a definição do seu rebanho, Cândido da Costa e Silva (2000, p. 59) comenta:

(...) Não obstante, inexista proporção preliminar entre a área e o número de fregueses confiados a cada pároco, ‘que pudessem ser comodamente atendidos com os sacramentos e sem grave detrimento comparecessem às suas matrizes’. As distâncias anulavam essa possibilidade em quase todas.

Nesse sentido em função da escassez de padres atuando no sertão baiano nem sempre era possível realizar a contento todas as práticas instituídas pelo catolicismo. Os batizados, por exemplo, eram protelados para além dos oito dias ou de um ano de nascimento da criança. O batizado além de ser um sacramento, era para os familiares na época como uma “apresentação da criança à vida com o intuito de, simbolicamente, protegê-la dos males físicos e espirituais que, segundo as crenças, poderiam acometê-las nesse ‘frágil’ período” (CARNEIRO 2011, p.99). Em alguns casos, a primeira eucaristia e a crisma também aconteciam quase correlatas, principalmente em relação à população que morava na zona rural, considerando as dificuldades de acesso a Vila.

²Segundo Benevides (2011, p. 04), antes da criação da “Villa Nova do Príncipe e Sant’Anna de Caetité”, em 05 de abril de 1810, o povoado Arraial de Sant’Anna de Caetité foi agraciado com as honras de Freguesia.

³ Para se ter uma ideia do crescimento populacional do município de Caetité, lembra-nos Silva (1932, p. 180) que, 28 anos depois, portanto em 1920, a população era estimada em 39.075 habitantes.

Marco na história da cidade: a visita do Arcebispo da Bahia Dom Jerônimo Tomé da Silva a Caetité

Um fato marcante na história da Igreja Católica e da criação da Diocese em Caetité foi a visita do Arcebispo da Bahia, Dom Jerônimo Tomé da Silva (1893-1924). Entre as realizações à frente do arcebispado, consta na sua trajetória que “percorreu em afanosas viagens os altos sertões da Bahia e de Sergipe em visitas pastorais” (SILVA, 2000, p. 70), passando por Caetité. Esse fato marcou de forma indelével a memória da população católica, daquele período, bem como a das crianças. Assim se referiu Flávio Neves: “um bispo era, então, uma rara dignidade a deparar-se. Recordo-me de que ouvia falar da visita que a Caetité fizera o Arcebispo D. Tomé da Silva, por volta de 1907, e que marcou uma época” (SILVA, 1986, p.8). O fato foi tão relevante para a comunidade religiosa, que se tornou um marco temporal a ser considerado: “o antes” e “o depois” da visita do Arcebispo.

Várias são as práticas que marcaram/marcam a religiosidade do povo tanto no Brasil como em Caetité. Algumas dessas estão fortemente imbricadas na cultura religiosa do catolicismo. Vejamos, então, quais eram e como aconteciam algumas dessas práticas do catolicismo popular após a instalação da paróquia.

Vivências do catolicismo popular

As *missões* consistiam em fortes momentos de evangelização que ofereciam os sacramentos, assim a “circulação mais amiúde, de missionários ambulantes ia suprimindo, em parte, as omissões daqueles (párocos) (...)” (SILVA, 2000, p.62). Áurea Silva, ao rememorar a sua infância em Caetité no início do século XX, narra a expectativa com que a população da cidade aguardava a vinda da Santa Missão. E assim comenta:

A população da cidade, com seu pároco à frente e acompanhado pela filarmônica, associações religiosas, escolas e autoridades, postaram-se à saída da cidade, perto da ponte. [...] Os sinos das três igrejas tocavam sem cessar enquanto espocavam girândolas de foguetes. De repente, um tropel anunciou que os missionários já iam descendo a ladeira, acompanhados por uma escolta de cavaleiros; os frades abençoavam o povo. (...) A banda começou a tocar e o povo prorrompeu em vivas ao Papa, Vigário e à Igreja católica. Foi uma hora de grande emoção! [...] Naquela mesma noite teve início a Santa

Missão, dentro da igreja, até que fossem erguidas na praça latadas de folhas de coqueiro, para abrigar os fiéis.

Nos dias subseqüentes, uma contrita multidão se comprimia sob as latadas para rezar o Ofício de Nossa Senhora, nas madrugadas, ouvir a missa e o catecismo [...] Eram tempos de fé e contrição; nada arrefecia o fervor daquele povo de Caetité, que enfrentava as gélidas madrugadas para louvar e homenagear ao seu Deus. Havia uma mística poesia quando, durante a prece do Ofício, os galos cantavam nos quintais. Dali a pouco, o sol nascia, espargindo luz por toda a parte. Eram tempos abençoados, quando os corações só viviam satisfeitos com as coisas de Deus”. (SILVA,1992, p.42).

Percebe-se que as missões mobilizavam a participação da comunidade, portanto tornavam-se fortes e intensos momentos da vivência religiosa na cidade que recebia o grupo missionário. Nessa direção, Riolando Azzi destaca que “nem se deve olvidar também o aspecto social envolvido nessas manifestações de cunho religioso” (AZZI, 2001, Vol. I, p.47). Deve-se ressaltar que as missões exerceram importante papel em comunidades que não contavam com a presença do pároco. Portanto, “as missões populares transformavam-se num grande evento popular, em regiões carentes de estímulo para o conagraçamento social” (AZZI, 2001, p.47). Cofirmando com essa análise, Flávio Neves (1986, p.86) aqui relata sobre as Missões:

espetáculo que vinha quebrar a monotonia da vida sertaneja. Em tempo de seca, geralmente em noites de luar. Uma semana, pelo menos, a cidade se achava repleta de forasteiros, das roças e povoados próximos. Os missionários com suas vestes inusuais, naqueles rincões, completavam a originalidade da ocasião. Capuchinhos barbados, revestidos por seus buréis, e com sandálias abertas, tão diferenciados do pároco local, dispunham de maior influência, para avivar-se a fé! Uniões antigas que terminavam ao pé do altar. Primeiras confissões e comunhões de adultos; descarrego, em grosso, de pecados recolhidos, em longas ausências do confessorário.

Devemos entender que as manifestações religiosas que caracterizam o catolicismo popular em Caetité fazem parte da memória coletiva, que constitui a identidade da comunidade. Obviamente, cada comunidade tem sua própria memória coletiva, uma memória em vivência que afirma suas características *sui generis*. Nesse sentido, Halbwachs (1990, p.26) estabelece o conceito de memória coletiva para se referir às determinações da consciência por quadros sociais. A memória coletiva é uma memória plural, devido ao fato de existirem várias memórias coletivas. Ela é fruto da coletividade, porque as impressões ou imagens que formamos estão permeadas por quadros de referência que outrora fora descrito, projetado e divulgado por outros.

As festas dedicadas aos santos constituem outra forte manifestação do catolicismo popular, principalmente a festa em louvor ao padroeiro/a. Assim são os festejos da padroeira de Caetité, Nossa Senhora de Santana, que acontecem em 26 de julho. Confira-se um relato do jornal A Penna:

Após novenas, que foram brilhantemente cantadas com acompanhamento de harmônio, executado pelo Ven. Conego Luiz Bastos, tivemos a 28 do passado a festa solenne de Nossa Senhora se S. Anna orago d' esta parochia. A 26 um lindo bando de mascarados deu o annuncio espalhando programmas impressos; a25, depois de ter a bandeira percorrido a cidade, à tarde, em visita as residências; à noite; houve pomposas vésperas, a praça bem illuminada, sendo erguido o mastro ao som de lindos trechos ao som da “Lyra Caeteteense”, ao brilho de innumerous fogos de vistas e outros, figurando também linda encamisada. Na madrugada de 28 houve a alvorada solenne e às 10 horas do dia entrou a missa solenne na qual houve acompanhamento de harmônio, magistralmente executado pelo cônego Luiz Bastos. Ocupou a tribuna sagrada o talentoso padre Salustio, que produziu brilhante sermão. Seguiram diversões e depois a solenne procissão, concorridissima, e, logo após as benções finaes e lindo sermão do conego Luiz. O altar de S. Anna estava lindamente enfeitado com muitas luzes e flores, ostentando um riquíssimo frontal, tudo isso devido aos esforços da Professora Exma., Sra. D. Jovina da Trindade Novaes, uma das zeladoras⁴. (A Penna, 02/08/1912).

Conforme nota do jornal A Penna, a organização da festa da padroeira mobiliza a comunidade religiosa. Vê-se que a realização da festa requer muito trabalho do grupo, pois exige planejamento, esforço e dedicação. Percebe-se que a festa do/a padroeiro/a, com todo o simbolismo que a compõe, são manifestações da religiosidade do povo que reafirmam a fé que o povo possui no poder de intervenção dos Santos na resolução dos problemas do cotidiano. “O catolicismo popular é festivo naquilo que a festa tem de inútil, sem por isso ser in-sensata, pois tem um sentido: celebra a vida, cristalizada neste ou naquele momento importante da família ou do grupo” (CLEMENTE, 1978, p.6). Como bem observou Mary Del Priore, (DEL PRIORE, 1994, p.10) o universo da festa é um momento ímpar, encerrando uma série de funções:

Expressão teatral de uma organização social, a festa também é fator político, religioso ou simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização: eles têm simultaneamente importante função social: permitem às crianças, aos jovens, aos

⁴Optou-se por manter a grafia da época.

espectadores e atores da festa introjetar valores e normas de vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários.

O universo da festa é rico em simbologia e representações, haja vista que cada localidade possui algumas práticas específicas; além da integração, ela reafirma a ideia do pertencimento religioso. Nesse contexto, a celebração dos sacramentos como batizados, casamentos, primeira comunhão, etc. o suporte para o estreitamento das relações de amizade e de compadrio. A partir dos avanços na historiografia, as festas passam a ser analisadas e não apenas descritas, pode-se, por meio do seu estudo, conhecer e interpretar os valores e normas de vida de um povo.

A devoção a Maria constitui uma das referências do catolicismo popular em Caetité. Comumente os festejos aconteciam durante todo o mês de maio com coroação de Nossa Senhora, ofícios e procissões (...). O culto a Nossa Senhora, segundo Azzi (2001, p.66), é um dos mais “arraigados na tradição popular desde o início da colonização lusa, continuou ocupando lugar de destaque na Bahia, expresso através de diversas denominações” (p.66). Assim o jornal *A Penna* refere-se às comemorações ao mês mariano:

Concluíram-se a 31 do passado mez, com a pompa do costume, as festas do mez de Maria. Houve missa solenne, à tarde procissão, e, em seguida, a ultima noite de canticos com exposição e oferecimento. Houve geral contentamento da parte do povo que, dia a dia, vai despertando da profunda tristeza que deixou-nos envolvidos a terrível crise por que passamos. A concorrência nos últimos dias foi enorme. A orquestra, organizada com os restos da antiga filarmônica Mariana, andou muito bem durante o mês constatando mais uma vez quanto vale a força de vontade. Achamo-nos plenamente satisfeitos. (*A Penna* 05/06/1900, p.3).

Em Caetité a prática da religião católica permeou e orientou parte considerável das relações familiares e sociais, independentemente da condição social e econômica dos sujeitos envolvidos. A educação das crianças pautava-se pela orientação religiosa. Nas missivas, bilhetes ou cartões trocados entre familiares e amigos, é possível perceber como o catolicismo estava fortemente imbricado no cotidiano dos caetiteenses; embora

alguns familiares já não estivessem residindo na cidade, ainda assim, preservavam as práticas da cultura religiosa aprendida no âmbito familiar. Conforme relata Maria Teixeira: “ (...) Graças à Deus muito me consola saber que você sente bastante confortada com a prática da nossa Santa Religião, podendo pelas orações ainda trabalhar e ser útil ao seu saudoso morto”⁵. Em outra correspondência, pode-se perceber como a religião exercia grande influência na orientação educacional do filho:

Filhinho, não descuide dos teus deveres religiosos, rezar todos os dias, de manhã e á noite antes de dormir; ouça missa sempre que puderes, commungue ao menos uma vez por semana, e seja muito devoto de nossa Mãe Santissima (...) Tenho pensado que para tua formação religiosa e moral, era melhor que continuasses no Collegio; acima de tudo está a salvação da alma, que é a única coisa necessária; saúde, honra, riquezas, são desnecessárias⁶.

Visita também N. S. Sacramentado; quando saihes da aula, não deixe de ir visital-O todos os dias. Quantas graças Elle nos derrama por tão pouco! Aqui está estabelecida esta visita e rezam cinco P. N. e cinco A. M. pelas intenções do sumo Pontifice⁷.

A participação às missas e as rezas diárias faziam parte das práticas do catolicismo popular. Parece evidente que a religião católica predominava em Caetité, embora existissem outras crenças religiosas na cidade. Assim, o catolicismo influenciou a vida social e familiar. Giane Carneiro destaca a influência que a criação do Bispado, em 1913, teve na vida das famílias, ressalta também que, apesar de haver liberdade religiosa e uma “aparente harmonia entre os membros das diversas religiões, não resta dúvida de que a força da tradição católica demonstrava ter maior legitimidade ante os olhos das famílias” (CARNEIRO 2011, p.98).

As festividades do ciclo natalino estão entre as práticas de destaque da religiosidade popular em Caetité, envolvendo a montagem, visitação aos presépios e rezas, os bailes pastoris, os ternos de Reis entre outras encenações que se prolongavam até o Ano Novo. A Festa de Reis era um período bastante concorrido na cidade, causando boa impressão aos visitantes que por lá passassem durante esses dias, conforme relato de Teodoro

⁵Carta de Maria Teixeira para Celcina Teixeira, Set/1926.

⁶CELSINA. Carta para Edivaldo. Caetité, 07/08/1927. APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo Edivaldo, caixa 01, maço 01. (Fonte gentilmente cedida por Giane Araújo Pimentel Carneiro).

⁷CELSINA. Carta para Edivaldo. Caetité, 01 de novembro de 1927. APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo Edivaldo, caixa 01, maço 01. (Fonte gentilmente cedida por Giane Araújo Pimentel Carneiro).

Sampaio⁸, que, em 1880, esteve em Caetité e comentou: “as festas de Reis, muito animadas, deram-nos ensejo para julgar das maneiras, dos hábitos hospitaleiros desse povo tão amável e tão cheio de delicadas atenções” (SAMPAIO, 2002, p.220). O momento das festas natalinas era aguardado com ansiedade tanto por crianças, quanto por adultos, conforme relato do memorialista, “esta temporada era revestida do calor de uma fé simples e ingênua (NEVES, 1986, p.13)”. Flávio Neves (1986, p.13), rememora as representações que as festividades do natal deixaram do período da sua infância vivido em Caetité, no início do século XX.

(...) Das crianças aos adultos, em meu Caetité, a figura do menino Jesus achava-se em nossa consciência, em pureza e devoção. O episódio do presépio era dominante. Cortar os ramos frescos e bem verdes, das jabuticabeiras ou das murtas; arranjá-los, de modo seguro e artístico; e no interior do presépio, objeto de carinho especial - a Lapinha de Belém; a Manjedoura. E muito arranjo mais em que a fantasia misturava cenas da vida do passado e dos dias de hoje. Entretanto, merecia atenção especial a Viagem dos Santos Reis que se iniciava desde que viram a estrela sobre Belém.

Vê-se que o catolicismo popular deixou marcas significativas na vida dos sujeitos que vivenciaram essas práticas, principalmente nas crianças, talvez pelo fato de, na época, ser restrito, numa cidade do sertão baiano, o acesso a outras formas de diversão social. Rememora Áurea Silva a sua participação no Terno da Estrela: “E eu, apesar da pouca idade, sempre tomava parte naquelas representações natalinas, vestida de anjo ou de pastorinha” (SILVA, 1992, p.45).

Diante de todas essas reflexões, pode-se inferir que a crença católica praticada em Caetité estava mais concatenada com as práticas do catolicismo romano e não com o catolicismo sertanejo comumente praticado no Nordeste, possivelmente pelo fato de poder contar com a presença de um padre desde a criação da paróquia, bem como de certa facilidade de comunicação com a Sé Primacial na capital. Esses fatos influenciaram as práticas religiosas numa perspectiva de seguir as orientações da doutrina conforme os preceitos do Vaticano. Era uma situação diferente do que se via nos demais rincões do Estado e mesmo da região Nordeste, onde, à falta de um pároco, ganhava proeminência a figura do beato, que se tornava líder de multidões por saber

⁸Segundo Joseni Reis, Teodoro Sampaio era Engenheiro Civil, membro da Comissão Hidráulica nomeada por D. Pedro II e encarregado dos estudos da navegação pelo Rio São Francisco, passou pela região em 1880 e, impressionado, registrou, em seu diário, as atividades econômicas, culturais e sociais da cidade. (2010, p.74).

articular bem os ensinamentos da Bíblia e adequá-los às respostas que os sertanejos buscavam diante das muitas dificuldades ocasionadas pelas secas. Os beatos desenvolveram um catolicismo sertanejo estruturado numa fé inabalável que era reforçada com o apelo aos Santos quanto à intervenção divina na resolução das agruras do cotidiano. Um catolicismo que cultivava a esperança e insistia nas promessas de recompensa na vida eterna, um reino de paz e alegrias.

É interessante perceber como as vivências e as memórias individuais vão se entrelaçando na urdidura da construção de uma memória coletiva que posteriormente é apropriada pelo historiador e a transforma em História. Como ponderou Le Goff “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 471). Desta forma, conhecer algumas das vivências do catolicismo popular da região do Alto Sertão da Bahia nos permite dimensionar a relevância que essas práticas culturais possuiu/e na vida cotidiana de um povo.

FONTES

Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Correspondências de Mulheres da família Teixeira. Série: Mulheres diversas. Data-limite: 1901-1978. Notação: Cx: 01. Maço: 01. Jornal *A Penna*. Caetité: Typographia Gumes e Filhos, 1911-1930. Edições microfilmadas.

NEVES, Flávio. *Rescaldo de saudades*. Belo Horizonte: Academia Mineira de Medicina, 1986.

SILVA, Áurea Costa. *Luz entre os roseirais*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1992.

REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. *A Sé primacial de Salvador – A Igreja Católica na Bahia (1551-2001)*. Vol I – Período Colonial, Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

_____. *A Sé primacial de Salvador – A Igreja Católica na Bahia (1551-2001)*. Vol II – Período Imperial e Republicano, Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

BENEVIDES, L. P. *Aspectos culturais da nossa terra*. nº 02. Caetité/BA:2011.

- CARNEIRO, Giane Pimentel. *As práticas educativas familiares no processo de distinção geracional criança/adulto* (Caetité-Bahia,1910-1930). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, FAE-UFMG, 2011.
- CLEMENTE, Manuel. *A Religiosidade popular*. Cadernos PAP, Patriarcado de Lisboa, jan/1978.
- DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FREIRE, Gilberto. *Casa grande senzala*. 30 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- MAGALHÃES, Mons. Walter. *Pastores da Bahia (1551-2001), 450 anos*. Salvador: Pancron gráfica, 2001.
- NEVES, Flávio. *Rescaldo de Saudades*. Belo Horizonte: Academia Mineira de Medicina, 1986.
- REIS, Joseni Pereira Meira. *Instâncias formativas, modos e condições de participação nas culturas do escrito: O caso de João Gumes (Caetité-BA, 1897-1928)*. Dissertação de Mestrado, FAE-UFMG, 2010.
- SAMPAIO, Teodoro. *O rio São Francisco e a Chapada Diamantina*. Organização José C. Barreto de Santana. S.P: Companhia das Letras, 2002.
- SILVA, Áurea Costa. *Luz entre os roseirais*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1992.
- SILVA, Pedro Celestino da. Notícias Históricas e Geográficas do Município de Caetité. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia*, 1932, N. 58.
- SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a Messe: o clero oitocentista na Bahia*. Salvador: SCT, EDUFBA, 2000.